

in PERCURSOS DO ORIENTE ANTIGO. Estudos de homenagem ao Professor Doutor José Nunes Carneira na sua jubileação académica, Lisboa, Instituto Oriental de Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004.

## LITERACIA E BILINGUISMO: NOVAS CONFIGURAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO EGÍPCIA NO PERÍODO PTOLOMAICO

Por JOSÉ DAS CANDEIAS SALES  
*Professor da Universidade Aberta*

A escrita foi sempre uma actividade fundamental na realidade existencial do antigo Egipto. De acordo com a concepção que considerava o deus Tot (em egípcio Djehuti) como o inventor dos hieróglifos, os Egípcios referiam-se aos seus signos de escrita como *medu netjer*, isto é, «palavras do deus». Nesta qualidade de inventor dos hieróglifos, Tot tinha o título de *neb medu netjer* «O Senhor das Palavras Divinas»<sup>1</sup>. Tratava-se de uma «literate culture tightly controlled by sacred authority, in which hieroglyphs were employed for religion and other official purposes»<sup>2</sup>.

Desde muito cedo, a profissão de escriba gozou de enorme prestígio, como ocupação administrativa segura e valiosa e como exercício mágico de registo e de criação. Muitos altos sacerdotes eram igualmente escribas (sacerdotes-funcionários). Como civilização da escrita e do registo – até os deuses comunicavam por escrito<sup>3</sup> –, o Egipto valorizava a tradição e tornara-se, com o passar do tempo, um paradigma de sabedoria e de conhecimento. A conquista macedónica encontrou ainda o país mergulhado neste profundo respeito pela escrita e pelo cultivo da tradição e pelas competências literatas das camadas sociais mais elevadas.

A política dos Ptolomeus traria, porém, grandes modificações ao Egipto neste particular: a transferência da capital de uma cidade indígena (Mênfis) para uma cidade grega, fundada por Alexandre (Alexandria), a política prohelénica com o conseqüente afastamento dos Egípcios dos níveis superiores da administração central<sup>4</sup>, o funcionamento em grego da administração local, o interesse dos Egípcios das classes de nível mais elevado se assimilarem à língua dos conquistadores, a entrada massiva de colonos gregos na *chôra*.

tudo isso alterou profundamente a situação linguística do país<sup>5</sup>. Na expressão de Lucia Criscuolo, «(...) l'esigenza di adeguarsi alla lingua usata dalle alte autorità del regno, costrinse di fatto quasi tutti gli egiziani che desiderassero intraprendere una carriera pubblica ad apprendere la seconda lingua e spesso ad assumere un secondo nome, di suono più "internazionale"»<sup>6</sup>. O grande critério de pertença (e/ou de exclusão) passou a ser essencialmente linguístico e cultural. Não obstante a própria heterogeneidade da comunidade «helénica», «un Hellène, en Égypte, c'est un non-Égyptien hellénophone»<sup>7</sup>.

A importação e utilização do grego como língua oficial pública e obrigatória, processo lento mas inexorável, representou, portanto, uma alteração radical nos hábitos intelectuais multimilenares e «with the language came the Greek tradition of literacy, which differed from that of Egypt»<sup>8</sup>. Estava agora em causa a literacia do grego, bem como a capacidade de adaptação das elites intelectuais egípcias (escribas profissionais e, também, sacerdotes) à nova realidade que os novos tempos impunham. Por «literacia» entendemos aqui, conforme D. J. Thompson, «the basic ability to read and write. Sometimes reading exists without writing, but here I encompass both in the term»<sup>9</sup>.

A prioridade era mais sentida pela elite egípcia do que pela grega, isto é, a necessidade de aprender o grego era mais premente para os Egípcios do que aprender o demótico o era para os Gregos: «(...) la adopción del griego, por parte de sacerdotes y escribas egipcios (...), puede interpretarse como prueba de la flexibilidad y adaptación de las elites existentes que deseaban capacitarse para continuar desempeñando prestigiosas (y lucrativas) funciones en el seno del nuevo sistema»<sup>10</sup>. Com efeito, um dos traços característicos do bilinguismo da época era o seu carácter essencialmente pragmático, quer dizer, tinha por objectivo resolver as dificuldades concretas, quotidianas, sentidas por determinada etnia ou camada social<sup>11</sup>. Tal como os soberanos, os cortesãos gregos e funcionários superiores do palácio eram unilingues e não sentiam, de facto, necessidade de aprender o egípcio<sup>12</sup>. Ao longo da dinastia, apesar da sua origem macedónia, alguns dos reis olvidaram mesmo o macedónio<sup>13</sup>. As altas esferas resistiam à língua dos indígenas.

O mesmo não se passava no caso dos Egípcios: para estes, a familiarização e a utilização com a língua dos senhores do país era imprescindível para a sua interacção cultural. Neste sentido, o bilinguismo<sup>14</sup> assume outra característica preponderante: excede a sua dimensão pragmática para se tornar num «élément fondamental du rapport de force entre deux cultures»<sup>15</sup>. A língua grega permitiria a colaboração entre a chancelaria régia a administração local (civil e financeira) do país, bem como entre a realeza e os representantes do clero indígena. Estabelecia-se, assim, uma «intercomunicação activa» entre o meio cultural grego e o meio cultural egípcio.

Não obstante a grande acessibilidade ao demótico (comparativamente com a iniciação nas escritas sagradas) e a sua profusa utilização nas actividades administrativas correntes (correspondência, relatórios, contabilidade, redacção de contratos, recibos de transacções e de pagamentos, etc.), a aprendizagem do grego, com os seus 24 caracteres alfabéticos, era muito mais fácil do que a do demótico («the difficult Demotic script», como o classifica Roger S. Bagnall<sup>16</sup>). A forma cursiva da escrita hieroglífica, por seu turno, combinava ideogramas, caracteres alfabéticos e determinativos e não era, certamente, uma «escrita fácil»<sup>17</sup>.

A isto juntava-se o próprio processo de escrita e as tintas usadas: os textos egípcios eram escritos com cálamos feitos de junco, terminados em fibras separadas, tipo pincel, e usavam tintas sob a forma sólida, à base de carbono (carvão e fuligem). O cálamos grego era de madeira, de ponta aguçada, o que permitia uma escrita semelhante à nossa actual escrita manuscrita. As tintas à base de elementos metálicos (cobre, ferro e chumbo) eram dissolvidas em água, o que facilitava a redacção<sup>18</sup>. Como salienta Roger Rémondon, «Car il est plus facile à un indigène cultivé et connaissant le démotique d'apprendre le grec qu'à un grec d'apprendre la langue et l'écriture égyptienne»<sup>19</sup>. Dorothy J. Thompson afirma mesmo: «Más fácil era aprender la lengua griega que la egipcia, la escritura alfabética era más sencilla que la demótica»<sup>20</sup>. Tudo tendia clara e completamente para o lado do grego e da sua aprendizagem-utilização.

De acordo com os contributos trazidos pelos especialistas em psicologia social, a complexidade do bilinguismo não deve ser analisado apenas sob o prisma dos indivíduos, ou seja, o bilinguismo constrói-se em função dos indivíduos, mas também em função da relação linguística. É preciso, segundo esta concepção, considerar as circunstâncias envolventes do fenómeno linguístico, apurar que tipo de grego se falava (e escrevia) e perceber se se tratava de um bilinguismo superficial ou profundo: «literacy is never to be separated from the historical context in which its functions»<sup>21</sup>.

Logo em meados do século III a. C., por influência dos gramáticos de Alexandria (ex.: Aristófanes de Bizâncio), introduzem-se os acentos na escrita do grego, como forma de auxiliar a correcta pronúncia das palavras, sobretudo pelos aprendizes de origem não grega. Inicialmente, o acento tinha um carácter musical, assinalando o tom e a altura da pronúncia (não o acento tónico). A partir da Época Helenística, o acento passa a ser também gráfico. Assim, além dos espíritos (brando/doce: colocado nas vogais ou ditongos não aspirados; ou áspero/rude: colocado nas vogais ou ditongos aspirados), passam a marcar-se os acentos (agudo, grave e circunflexo)<sup>22</sup>. A língua/gramática grega (como acontecerá depois com o latim) agiliza-se para se difundir.

O demótico era a escrita da administração da *chôra* ou «língua da egípcianidade» face ao grego, mas a progressiva helenização do país e unilinguismo dos altos funcionários gregos acabariam por conduzir os funcionários egípcios de elite ao bilinguismo e à literacia<sup>23</sup>. São conhecidos casos, por exemplo na região do Faium, numa escala que sugere o incentivo e a iniciativa real, pelo menos na época de Ptolomeu II Filadelfo (285/283-246 a. C.<sup>24</sup>), da existência de escolas para aprendizagem do grego<sup>25</sup>. São igualmente conhecidos casos de escribas egípcios que aprendiam demótico e grego ao mesmo tempo nas escolas dos templos<sup>26</sup>. O futuro mostraria realmente que estes não eram meio-iliterados ou βραδέως γράφοντες quando escreviam grego.

De facto, os «programas escolares» foram adequados ao desenvolvimento da literacia do grego: os alunos iniciavam a sua aprendizagem pelo alfabeto e pela numeração, a que se juntava o conhecimento dos meses, dos deuses e dos rios, quer da Macedónia, quer das áreas conquistadas e integradas por Alexandre no seu império. Eram depois introduzidos na leitura e estudo de Homero, dos antigos e novos tragediógrafos e comediógrafos e dos poetas elegíacos de Alexandria. Isto significa que os futuros candidatos aos cargos da burocracia ptolomaica aprendiam a ler, escrever e contar de acordo com as denominações gregas e recebiam, simultaneamente, uma educação cultural de feição exclusivamente grega<sup>27</sup>.

Para Willy Clarysse, logo na transição do IV para o III século a. C., a helenização dos escribas egípcios foi tão profunda que se torna virtualmente impossível distingui-los dos seus colegas gregos, salvo quando cometem erros típicos<sup>28</sup>. Segundo o mesmo autor, «Les prêtres étaient bel et bien en mesure de rédiger un décret en grec»<sup>29</sup>: estavam «suffisamment hellénisés et intégrés dans l'administration ptolémaïque pour être capables de rédiger eux-mêmes des décrets honorifiques selon les règles de composition et le formulaire grecs en usage»<sup>30</sup>. O mesmo é dizer que as classes literadas egípcias estavam em condições de servir o sistema ptolomaico e de suprir as necessidades da nova administração do país. Ademais, face à inferioridade numérica dos Gregos, era inevitável que os Ptolomeus utilizassem as estruturas de governo já existentes, ou seja, a classe de escribas egípcios<sup>31</sup>.

A par deste primeiro nível da adaptação das classes escreventes egípcias às novas condições sob a administração grega, o problema apresentava, porém, uma outra cambiante, também ela fundamental na nova configuração do presente histórico egípcio: a literacia dual, ou seja, a capacidade que alguns elementos da sociedade teriam para ler e escrever tanto em grego como nas escritas egípcias (hieroglífico e demótico). O *basilikos grammateus* (βασιλικούς γραμματεύς) ou, como se dizia em demótico, *sekh per-áá* (*sh pr-c3*), «escriba do faraó»<sup>32</sup>, dos novos tempos necessitava desse acrescido

requisito. Nele residia o seu sucesso pessoal em termos profissionais e, por extensão, o da própria administração real<sup>33</sup>.

A ideologia do «bom funcionário» lágida pressupunha esta competência linguística<sup>34</sup>. A eficácia e eficiência do sistema governativo dos Ptolomeus, baseado na troca frequente de despachos entre Alexandria e a *chôra* e vice-versa, iriam depender em muito das relações entre Gregos e Egípcios, ou melhor, entre os falantes e escritores do grego e os falantes e escritores do egípcio (nas suas duas formas ou variantes). Pela coexistência das línguas egípcia e grega, estes «men in the middle», os funcionários que interagiam com o rei e com os súbditos ou entre o rei e os súbditos e vice-versa, no fundo, a classe literada, eram a verdadeira chave do sistema.

Tradutores-intérpretes e traduções passam a desempenhar um papel central na coerência administrativa lágida. Já no período persa, quando Heródoto visitou o Egipto (em meados do século V a. C.), a actuação dos intérpretes era considerável. O «pai da História» alistava-os como uma das «sete classes do Egipto» (*Aigyptíon heptà génea*) em que se dividia a sociedade egípcia, a partir dos «nomes dos ofícios exercidos»: sacerdotes, guerreiros, criadores de gado, pastores, mercadores, tradutores e barqueiros<sup>35</sup>.

Heródoto atribui a criação social dos intérpretes a Psamético I (664-610 a. C.): «*Ele [Psamético I] confiou-lhes [aos Iónios e aos Cários chegados ao Egipto] jovens egípcios para lhes ensinarem a língua grega; estes jovens que aprenderam a nossa língua são os antecessores dos intérpretes que hoje encontramos no Egipto*»<sup>36</sup>. A burocracia ptolomaica dependia «on a growth of literacy in the new Greek language»<sup>37</sup>.

A interpenetração das duas etnicidades e das duas tradições de literacia significava uma mais-valia inigualável para aqueles que pretendessem reagir – integrando-se – à nova situação. O conflito dinâmico entre as duas culturas implicava uma notável permeabilidade linguística e cultural, embora unilateral (dos egípcios em relação aos gregos)<sup>38</sup>.

A análise documental demonstra, com efeito, 1) que os principais traços de bilinguismo se referem ao século III-início do II, ou seja, na época de afirmação e de esplendor da dinastia lágida<sup>39</sup>, e 2) que todos os *basilikoi grammateis* do século III a.C. tinham nomes egípcios e eram claramente, do ponto de vista étnico e cultural, egípcios<sup>40</sup>. Mais importante ainda, eram também bilingues: tanto falavam e escreviam em egípcio como em grego. E foi assim até ao final da dinastia lágida<sup>41</sup>.

Com o passar dos anos, embora os responsáveis da administração fossem gregos ou macedónios, o bilinguismo tornou-se obrigatório para os egípcios, sobretudo para os que queriam fazer carreira na vida pública: «*les Égyptiens ont accès aux cadres à condition de posséder la langue grecque*»<sup>42</sup>.

Esta obrigação para as camadas médio-superiores da sociedade autóctone possibilitava a manutenção do carácter homogéneo da própria administração. Mesmo quando os basilicogramatas e os administradores gregos das localidades cedem o seu lugar aos egípcios, por necessidade ou tradição, a língua oficial falada e escrita continuava a funcionar como veículo de estabilidade institucional. A primeira geração da governação ptolomaica foi caracterizada pela colaboração entre «the existing literate classes and the new rulers»<sup>43</sup>.

Se é verdade que o impacto da língua dos novos governantes e senhores de Alexandria se fez de imediato sentir no significativo aumento da documentação oficial escrita em grego e na intensificação do uso do grego na burocracia administrativa, logo a partir do reinado de Ptolomeu II, não é menos verdade que a língua e escritas da maioria representava(m) uma fonte de poder e uma chave de acesso para uma realidade invejada e admirada, mas genericamente incompreendida, e os Gregos reconheceram-no.

A escrita hieroglífica, por exemplo, mesmo se secundarizada na prática face ao demótico, conservava o carácter solene e sagrado, pelo que era amiúde convocada para a redacção das decisões públicas dos Lágidas<sup>44</sup>. A promulgação de éditos bilingues ou trilingues e a utilização de intérpretes foram os dois principais expedientes usados pela administração central para entrar em contacto com os súbditos egípcios<sup>45</sup>. Não podemos esquecer que foi o bilinguismo de uma parte da sociedade ptolomaica, patente em decretos como o da *Pedra de Roseta*, que permitiu à filologia europeia de Oitocentos penetrar nos mistérios – linguísticos e não só – do Egipto faraónico.

O que acabámos de expor não nos deve, porém, conduzir à defesa da «mistura de culturas» (*mischkultur*). O problema linguístico por si só é uma dimensão que enfatiza as diferenças profundas de «cultura» e de «etnicidade» que marcaram e caracterizaram o Egipto durante toda a dinastia lágida, mas particularmente durante o século III a. C.

Imbuído do romantismo hegeliano que caracterizava a maior parte dos estudos históricos da sua época, Johann Gustav Droysen (1808-1884) foi um dos grandes defensores da tese da existência de uma cultura compósita, mista, greco-oriental. Já no século XX, na primeira linha dos críticos dessa perspectiva perfilou-se a historiadora Claire Préaux (1904-1979)<sup>46</sup>. Antes de mais, é preciso entender que a ideia de uma *mischkultur* está intimamente associada ao período cultural vivido na Europa entre as duas grandes guerras, alimentado por fortes concepções eurocêntricas e até nacional-socialistas e por noções muito vincadas de superioridade da história clássica grega sobre a história oriental<sup>47</sup>.

As fases que marcam a historiografia moderna sobre o período ptolomaico emergem precisamente do intenso debate em torno das questões da

fusão ou separação dos mundos grego e egípcio durante a dominação macedónica e da helenização da população indígena ou da orientalização dos imigrantes greco-macedónicos. Assim se caminhou ao longo dos séculos XIX e XX de uma história de cariz essencialmente político e económico para uma história de feição social e mental.

Aquilo que se verifica é uma separação de culturas (a «*étanchéité des cultures*» de C. Préaux) e uma separação de etnias, na medida em que os representantes gregos e egípcios (apesar dos movimentos tendentes à integração e à homogeneização) continuam interessados em marcar as diferenças, em fazer sobreviver a sua identidade étnica e cultural de base. Nos séculos II e I a. C., o reforço do sentimento nacional tornou mais difíceis e complicadas as relações de coexistência entre Egípcios e Gregos e desembocou nas chamadas «revoluções nacionais» ou de feição «nacionalista».

A etnicidade como traço universal do comportamento humano não exclui a troca e a combinação de elementos entre os grupos, em vários domínios (religião, modo de vida, linguagem, direito, etc.), mas não se reduz apenas ao esbatimento das diferenças. Como característica normal da vida social, considera igualmente as estratégias próprias, endógenas, tradicionais dos grupos envolvidos.

Em nossa opinião, foi isso o que se verificou no Egipto lágida. A etnicidade do século III a.C., perspectivada a partir da dimensão linguística, foi a forma de organizar as diferenças culturais, isto é, de as harmonizar para garantir o funcionamento do todo social, sem, contudo, perder o seu traço específico, autónomo, idiossincrático. Para a vida pública, nomeadamente em cidades cosmopolitas como Alexandria, não concordamos com a visão de W. Peremans que defende que «Au III<sup>e</sup> siècle (...), les Grecs et les Orientaux [Egípcios incluídos] vivent plutôt isolés et leurs civilisations respectives se développent de manière autonome»<sup>48</sup>. Aliás, o mesmo autor, noutro estudo, acaba por defender o contrário: «on a l'impression qu'au 3<sup>e</sup> siècle av. J.-C les Grecs et les Macédoniens, les maîtres du pays, ne refusent nullement de tendre la main aux Egyptiens. (...) ces derniers (...) non seulement se soumettent aux conquérants, mais en outre collaborent avec les nouveaux maîtres»<sup>49</sup>.

Houve contactos e intercâmbios, embora não se possa, obviamente, generalizar. A concepção, o espírito e a direcção da administração civil e financeira do país eram gregos ou estavam grecizados, mas a base (circunscrições, burocracia, organização do trabalho administrativo, etc.) permanecia egípcia<sup>50</sup>

Dito de outra forma: a língua da minoria imigrante impôs-se e afectou, assim, a maioria de autóctones, mas isso não obrigou a modificar a sua tradicional «tipologia étnico-cultural». O Egipto era já uma civilização altamente

desenvolvida do ponto de vista cultural-linguístico quando os Gregos chegaram e o seu substracto étnico-cultural estava bem consolidado e era ainda muito actuante. Mesmo falando grego, um egípcio não se transformava num grego («Un Hellène, en Égypte, c'est un non-Égyptien hellénophone»). Não era a língua que o classificava, nem tampouco o território: «personne n'est "égyptien" en raison de sa naissance sur le territoire de l'Égypte»<sup>51</sup>. O traço identificador e distintivo era-lhe conferido pela etnia e pela cultura de origem e ratificado pela política oficial<sup>52</sup>. A língua era o *medium* da interacção cultural pública. A esfera do privado – essa sim – apresentava uma clara tendência para o isolamento e para a autonomia dos diferentes grupos étnicos.

O factor linguístico revestiu-se, assim, sob os Lágidas, de uma importância vital no encontro de culturas e de tradições entre Gregos e Egípcios<sup>53</sup>. Não se deve, contudo, exagerar esse factor. A ênfase exagerada ou distorcida colocada no factor linguístico foi uma das principais causas da tese da «gräko-ägyptische mischrasse» (U. Wilcken), hoje amplamente criticada e rejeitada.

A sociedade lágida foi uma sociedade plural com vários grupos étnicos convivendo entre si e com fronteiras culturais entre eles muito fluidas<sup>54</sup>. As convulsões políticas e os «mouvements révolutionnaires» dos séculos II e I a. C. assim o demonstram, constituindo a parte visível daquilo que W. Peremans chama «la réaction de l'Orient contre la domination grecque»<sup>55</sup>.

## Notas

<sup>1</sup> Cf. José das Candeias Sales, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa, Editorial Presença, 1999, pp. 181-187.

<sup>2</sup> Dorothy J. Thompson, «Conquest and literacy: the case of Ptolemaic Egypt» in *Literacy: interdisciplinary conversations*, New Jersey, Hampton Press, 1994, p. 73.

<sup>3</sup> Cf. *Id.*, «Language and literacy in early Hellenistic Egypt» in *Ethnicity in Hellenistic Egypt*, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, p. 39.

<sup>4</sup> No Vol. VI da *Prosopographia Ptolemaica* relativo à corte real lágida apenas se encontram dois nomes egípcios: n.º 14614 (Maneton, o conhecido sacerdote de Sebenitos) e n.º 14691 (Senucher, mordomo da rainha Arsínoe I, em Coptos). – Cf. W. Peremans; E. Van't Dack; L. Mooren; W. Swinnen, *Prosopographia Ptolemaica. VI. La cour, les relations internationales et les possessions extérieures, la vie culturelle, n.ºs 14479-17250*, Studia Hellenistica 17, Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1968, pp. 29 e 39. Nas classes sociais superiores, a segregação entre indígenas e greco-macedónios era quase total (Cf. W. Peremans, «Classes sociales et conscience nationale en Egypte ptolémaïque» in *Miscellanea in Honorum Josephi Vergote*, Leuven, Departement Oriëntalistiek, 1975/76, p. 451).

- <sup>5</sup> Cf. Michel Chauveau, «Bilinguisme et traductions» in *Le décret de Memphis. Colloque de la Fondation Singer-Polignac à l'occasion de la célébration du bicentenaire de la découverte de la Pierre de Rosette*. Paris. Diffusion de Boccard, 1999, pp. 25-39.
- <sup>6</sup> Lucia Criscuolo. «Le istituzioni pubbliche nell'Egitto Tolemaico» in *Egitto e società, antica. Atti del convegno. Torino 8/9. VI – 23/24. XI. 1984*, Milano, Vita e Pensiero, 1985, p. 136.
- <sup>7</sup> Jean Ducat, «Grecs et égyptiens dans l'Égypte dans l'Égypte lagide: hellénisation et résistance à l'Hellénisme» in *Entre Égypte et Grèce. Actes du colloque du 6-9 Octobre 1994*, Paris, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1995, p. 70.
- <sup>8</sup> D. J. Thompson, *ob. cit.*, p. 40.
- <sup>9</sup> *Ibid.*, p. 41.
- <sup>10</sup> *Id.*. «Cultura escrita y poder en el Egipto ptolemaico» in *Cultura escrita y poder en el mundo antiguo*. Barcelona. Editorial Gedisa, 1999, p. 120.
- <sup>11</sup> Cf. W. Peremans, «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides» in *Studia Paulo Naster Oblata. II. Orientalia Antiqua*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1982, pp. 143 e M. Chauveau, *ob. cit.*, p. 35. Como dizia E. Bevan, «tout Égyptien ambitieux apprenait le grec» (Cf. E. Bevan, *Histoire des Lagides. 323 à 30 av. J.-C.*, Paris, Payot, 1934, p. 100).
- <sup>12</sup> Cf. W. Peremans, *ob. cit.*, p. 150 e *Id.*, «Le bilinguisme dans les relations greco-egyptiennes sous les Lagides», in *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982*, Lovanii, 1983, pp. 262. 263. Segundo Plutarco, à exceção de Cleópatra VII, a última rainha da dinastia, todos os Lágidas foram unilingues (Plutarco, *Anton.* 27, 4-5). Há mesmo o caso especial de Ptolomeu IV Filopator, referido por Políbio, que antes da batalha de Ráfia (217 a. C.) se dirigiu à sua falange egípcia por intermédio de um intérprete (Políbio V, 83).
- <sup>13</sup> Cf. W. Peremans, «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides», p. 144.
- <sup>14</sup> O «bilinguismo» em questão refere-se unicamente às línguas grega e egípcias, excluindo-se, portanto, todas as outras que foram faladas no Egipto no período ptolomaico.
- <sup>15</sup> M. Chauveau, *ob. cit.*, p. 35.
- <sup>16</sup> Roger S. Bagnall, «Greeks and Egyptians: Ethnicity, Status, and Culture» in *Cleopatra's Egypt. Age of the Ptolemies*. Brooklyn. The Brooklyn Museum, 1988, p. 23.
- <sup>17</sup> Cf. Willy Clarysse, «Egyptian scribes writing Greek» in *CdE, LXVIII*, fasc. 135-136, 1993, p. 187; R. S. Bagnall, *ob. cit.*, p. 23 e D. J. Thompson, *ob. cit.*, pp. 121 e 126.
- <sup>18</sup> Cf. W. Clarysse, *ob. cit.*, pp. 188, 189 e 201. Os métodos gregos impuseram-se de tal forma que, no período romano, até os textos demóticos eram escritos com cálamos gregos.
- <sup>19</sup> Roger Rémondon, «Problèmes du bilinguisme dans l'Égypte lagide» in *CdE* 39, 1964, p. 138.
- <sup>20</sup> D. J. Thompson, *ob. cit.*, p. 126. Não obstante, a ortografia vacilante e os abundantes erros de sintaxe que certos documentos patenteiam demonstram que o grego continuava a ser a «segunda língua» dos Egípcios (Cf. *Ibid.*, pp. 121 e 126; *Id.*, «Conquest and literacy ...», p. 78).

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 77. Ver também P. Cabanes, *Le monde hellénistique de la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée (323-188)*, Paris, Éditions du Seuil, 1995, pp. 62, 63.

<sup>22</sup> Cf. E. Ragon, *Grammaire grecque*, 12<sup>a</sup> ed. revista, Paris, J. de Gigord, 1970, pp. 2-4.

<sup>23</sup> Não devemos, contudo, logicamente, estender a regra do bilinguismo a todos os funcionários egípcios (Cf. W. Peremans, «Le bilinguisme dans les relations gréco-égyptiennes sous les Lagides», p. 270).

<sup>24</sup> A data de 283 a.C. refere-se objectivamente ao ano em que Ptolomeu II começou a reinar, mas o próprio rei fez recuar dois anos à sua era pessoal para, assim, incluir os dois anos (desde 285 a.C.) em que esteve associado ao pai como co-regente (Cf. Michel Chauveau, «Ères nouvelles et corégences en Égypte ptolémaïque» in *Akten des 21. Internationalen Papyrologenkongresses, Berlin 1995. Archiv für Papyrusforschung, Beiheft 3*, Leipzig/Stuttgart, B. G. Tenbner, 1997, pp. 163, 164).

<sup>25</sup> Cf. D. J. Thompson, «Literacy and administration in Early Ptolemaic Egypt» in *Life in a MultiCultural Society: Egypt from Cambyses to Constantine and Beyond*, Chicago/Illinois, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, p. 325. Cf. *Id.*, «Cultura escrita y poder ...», pp. 123, 124.

<sup>26</sup> Cf. *Ibid.*, p. 123 e W. Clarysse, *ob. cit.*, p. 187.

<sup>27</sup> Cf. D. J. Thompson. «Literacy and administration ...», p. 325 e *Id.*, «Conquest and literacy ...», p. 80.

<sup>28</sup> Cf. W. Clarysse, *ob. cit.*, p. 200.

<sup>29</sup> *Id.*, «Ptolémées et temples» in *Le décret de Memphis*, p. 54.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 62.

<sup>31</sup> Cf. D. J. Thompson, «Cultura escrita y poder ...», p. 122.

<sup>32</sup> Correspondente ao faraónico *sech nesu (sš nsw)*, «escriba do rei». O *basilikos grammateus* era o mais elevado nível egípcio da burocracia ptolomaica, com o papel específico de mediar entre os níveis superiores, que falavam grego, e os níveis inferiores da administração e a maioria dos locais do sistema, que falavam egípcio (Cf. John F. Oates, *The Ptolemaic Basilikos Grammateus*, Atlanta, Scholars Press, 1995, pp. 1-4). Durante o período de dominação romana do Egípto, o *basilikos grammateus* era o funcionário que ocupava o segundo lugar na hierarquia administrativa de cada *nomos*, agindo como vice do estrategista, o governador da província. Eram cidadãos alexandrinos e tinham muitas vezes igualmente cidadania romana (Cf. *Id.*, «The basilikos grammateus» in *Life in a Multicultural Society: Egypt from Cambyses to Constantine and Beyond*, Chicago/Illinois, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 256).

<sup>33</sup> J. Oates considera que o sistema burocrático ptolomaico era menos rígido e mais flexível, ao contrário do que até aqui se considerava, com uma forte dinâmica individualista (Cf. *Ibid.*, p. 255).

<sup>34</sup> Cf. Dorothy J. Crawford, «The good official of Ptolemaic Egypt» in *Das Ptolemaische Ägypten*, Berlim, Deutsches Archäologisches Institute, 1976, p. 198.

<sup>35</sup> Heródoto, II, 164.

<sup>36</sup> *Ibid.*, II, 154.

<sup>37</sup> D. J. Thompson. *ob. cit.*, p. 324.

<sup>38</sup> A unilateralidade do bilinguismo contrastava, todavia, com o interesse dos gregos pela cultura egípcia. P. M. Fraser considera que esta atitude era moda na corte lágida, sendo provavelmente apoiada pelo soberano (Cf. P. M. Fraser *Ptolemaic Alexandria*, vol. II, Oxford, The Clarendon Press, 1972, p. 154, nota 234).

<sup>39</sup> Cf. W. Peremans, *ob. cit.*, p. 148. Os textos bilíngues do período de declínio têm finalidades muito diferentes: por exemplo, salvaguardar direitos e interesses privados.

<sup>40</sup> J. Oates, *ob. cit.*, p. 255.

<sup>41</sup> John Oates destaca mesmo o caso de dois *basilikoi grammateis* que serviram nos últimos anos de Ptolomeu XII/primeiros de Cléopatra VII: Panisko (de 63 a 60 a. C.) e Heliodoro (de 60 a 55 a.C.). O *cursus honorum* de ambos levou-os ao cargo superior de estratega. Panisko ocupou a estratégia de 60 a 55 a.C. (quando Heliodoro era *basilikos grammateus*) e Heliodoro sucedeu-lhe de 55 a 51 a.C. (Cf. *Id.*, «Paniskos and Heliodoros: a strategic pair» in *Acta demotica. Acts of Fifth International Conference for Demotists, Pisa 4<sup>th</sup> – 8<sup>th</sup> September 1993*, Egitto e Vicino Oriente XVII. Pisa, Giardini Editori e Stampatori, 1994, p. 225).

<sup>42</sup> Cf. W. Peremans, «Classes sociales et conscience nationale en Égypte ptolémaïque», p. 448, e Florence Doyen e Rene Preys, «La présence grecque en Égypte ptolémaïque : les traces d'une rencontre» in *L'atelier de orfèvre. Mélanges offerts à Ph. Derchain*, Leuven, Peeters, 1992, pp. 76, 77.

<sup>43</sup> D. J. Thompson. *Ob.Cit.*, p. 324.

<sup>44</sup> As versões hieroglíficas dos decretos ou *psephismai* eram traduções das versões demóticas, uma vez que constituíam dois estados da língua egípcia.

<sup>45</sup> Cf. W. Peremans, «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides», p. 144.

<sup>46</sup> Cf. Claire Préaux, «De la Grèce classique à l'Égypte hellénistique» in *BSFE* n.º 31, 1960, pp. 7, 12.

<sup>47</sup> Cf. F. Doyen, R. Preys, *Ob.Cit.*, pp. 64-65.

<sup>48</sup> W. Peremans, «Egyptiens et étrangers dans l'Égypte ptolémaïque» in *Grecs et barbares*. Genève, Fondation Hardt, 1962, pp. 131.

<sup>49</sup> *Id.*, «Les revolutions égyptiennes sous les Lagides» in *Das Ptolemaische Ägypten*, Berlim. Deutsches Archäologisches Institute, 1976. pp. 44,45.

<sup>50</sup> Cf. *Ibid.*, p. 142.

<sup>51</sup> C. Préaux, *ob. cit.*, p. 10.

<sup>52</sup> «Thus being a Greek or an Egyptian was not just a matter of personal and community feeling ("ethnicity"), but also official policy: being Greek involved privileges that an Egyptian could not claim» (W. Clarysse. «Some Greeks in Egypt» in *Life in a multicultural society*:

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

*Egypt from Cambyses to Constantine and beyond*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, p. 52).

<sup>53</sup> Cf. W. Peremans, *ob. cit.*, pp. 255, 257 e 258.

<sup>54</sup> Cf. Koen Goudriaan, «Ethnical strategies in Graeco-Roman Egypt» in *Ethnicity in Hellenistic Egypt*, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, p. 94.

<sup>55</sup> W. Peremans, *ob. cit.*, pp. 139 e ss.

### Referências bibliográficas

Maurice ALLIOT, «La Thébaïde en lutte contre les rois d'Alexandrie sous Philopator et Épiphanes (216-184)» in *Revue belge de philosophie et d'histoire (RBPhH)*, 29, Bruxelles, Lamartin, 1951, pp. 421-443.

Barbara ANAGNOSTOU-CANAS, «Rapports de dépendance coloniale dans l'Égypte Ptolémaïque I. L'appareil militaire» in *Bulletino del'Istituto di Diritto Romano Vitorio Scialoja (BIDR)*, Vol. XXXI-XXXII, 1989-90, pp. 151-236.

– «Rapports de dépendance coloniale dans l'Égypte ptolémaïque, II. Les rebelles de la chôra» in *Proceedings of the XIX International Congress of Papyrology*, Cairo, 1992, pp. 323-372.

Roger S. BAGNALL, *The administration of the ptolemaic possessions outside Egypt*, Leiden, E. J. Brill, 1976.

– *Egypt in Late Antiquity*, Jersey, Princeton University Press, 1993.

– «Greeks and Egyptians: Ethnicity, Status, and Culture» in *Cleopatra's Egypt. Age of the Ptolemies*, Brooklyn, The Brooklyn Museum, 1988, pp. 21-27.

André BERNAND, *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994.

Edwin BEVAN, *Histoire des Lagides. 323 à 30 av. J.-C.*, Paris, Payot, 1934.

Jean BINGEN, «Le milieu urbain dans la chôra égyptienne à l'époque ptolémaïque» in *Proceedings of the XIV International Congress of Papyrology. Oxford, 24-31 July 1974*, London, The British Academy, 1975, pp. 367-373.

– «Économie grecque et société égyptienne au III<sup>e</sup> siècle» in *Das ptolemäische Ägypten* (editado por H. Maehler e V.M. Stročka), Berlim, Deutsches Archäologisches Institute, 1976, pp. 211-219.

Pierre CABANES, *Le monde hellénistique de la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée (323-188)*, Paris, Éditions du Seuil, 1995.

- Michel CHAUVEAU, «Ères nouvelles et coréances en Égypte ptolémaïque» in *Akten des 21. Internationalen Papyrologenkongresses, Berlin 1995. Archiv für Papyrusforschung, Beiheft 3*, Leipzig/ Stuttgart, B. G. Tenbner, 1997, pp. 163-171.
- «Bilinguisme et traductions» in *Le décret de Memphis. Colloque de la Fondation Singer-Polignac à l'occasion de la célébration du bicentenaire de la découverte de la Pierre de Rosette* (sous la direction de Dominique Valbelle e Jean Leclant), Paris. Diffusion de Boccard, 1999, pp. 25-39.
- Willy CLARYSSE, «Greeks and Egyptians in the ptolemaic army and administration» in *Aegyptus. Rivista italiana de Egittologia e di Papirologia*, 65, Milano, Università Cattolica del Sacro Cuore, 1985, pp. 57-66.
- «Some greeks in Egypt» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyes to Constantine and beyond* (edited by Janet H. Johnson), Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 51-56.
- «Egyptian scribes writing greek» in *CdE, LXVIII* (1993), fasc. 135-136, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1993, pp. 186-201.
- «Greeks in ptolemaic Thebes», *Hundred-gated Thebes, Acts of a Colloquium on Thebes and the theban area in the Graeco-roman Period*, Lovaina, E. J. Brill, 1995, pp. 1-19.
- «Ethnic diversity and dialect among the Greeks of hellenistic Egypt» in *The two faces of Graeco-roman Egypt. Greek and demotic and greek-demotic texts and studies* (edited by A. M. F. W. Verhoogt and S. P. Vleeming), Leiden/ Boston/Köln, E. J. Brill, 1998, pp. 1-13.
- Dorothy J. CRAWFORD, «The good official of ptolemaic Egypt» in *Das ptolemaische Ägypten* (editado por H. Maehler e V.M. Strocka), Berlin, Deutsches Archäologisches Institute, 1976, pp. 195-202.
- Lucia CRISCUOLO, «Le istituzioni pubbliche nell'Egitto Tolemaico» in *Egitto e società, antica. Atti del convegno. Torino 8/9. VI – 23/24. XI. 1984*. Milano, Vita e Pensiero, 1985, p. 133-145.
- Jean DELORME, *Le monde hellénistique (323-133 avant J.-C.). Événements et institutions*, Paris. Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1975.
- Philippe DERCHAIN, «Grecs et égyptiens en Égypte à l'époque hellénistique. Essai sur les rapprochements culturels» in *Bulletin de l'Association angevine et nantaise d'Égyptologie Isis*. n.º 5, Angers, 1998, pp. 7-17.
- Florence DOYEN e Rene PREYS, «La présence grecque en Égypte ptolémaïque: les traces d'une rencontre» in *L'atelier de orfèvre. Mélanges offerts à Ph. Derchain* (édités par M. Broze et Ph. Talon), Leuven, Peeters, 1992, pp. 63-85.

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

Jean DUCAT, «Grecs et égyptiens dans l'Égypte dans l'Égypte lagide: hellénisation et résistance à l'Hellénisme» in *Entre Égypte et Grèce. Actes du colloque du 6-9 Octobre 1994*, Paris, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1995, pp. 68-81.

Françoise DUNAND, «Les associations dionysiaques au service du pouvoir lagide (III<sup>e</sup> s. av. J.-C.)» in *L'Association dionysiaque dans les sociétés anciennes. Actes de la table ronde organisée par l'École française de Rome (Rome 24-25 mai 1984)*, Rome, École française de Rome – Palais Farnèse, 1986, pp. 85-103.

P. M. FRASER, *Ptolemaic Alexandria*, Vol. II, Oxford, The Clarendon Press, 1972.

Koen GOUDRIAAN, *Ethnicity in ptolemaic Egypt*. Amsterdam, J. C. Gieben. Publisher, 1988.

– «Ethnical strategies in Graeco-roman Egypt» in *Ethnicity in hellenistic Egypt* (edited by Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad and Jan Zahle). *Studies in Hellenistic Civilization III*, Aarhus, Aarhus University Press, 1992. pp. 74-99.

HÉRODOTE. *L'Enquête – Livres I à IV*. Paris, Gallimard, 1964.

G. HORROCKS, *Greek. A history of the language and its speakers*, London/ New York, 1997.

Geneviève HUSSON, Dominique VALBELLE, *L'état et les institutions en Égypte. Des premiers pharaons aux empereurs romains*. Paris, Armand Colin, 1992.

André LARONDE, «Mercenaires grecs en Égypte à l'Époque Saïte et à l'Époque Perse» in *Entre Égypte et Grèce. Actes du colloque du 6-9 octobre 1994*, Paris, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1995, pp. 29-36.

Leon MOOREN, *La hiérarchie de cour ptolémaïque: contribution à l'étude des institutions et des classes dirigeants à l'époque hellénistique*, *Studia Hellenistica* 23. Louvanii, 1977.

John F. OATES, *The Ptolemaic Basilikos Grammateus*, Atlanta, Scholars Press, 1995.

– «The basilikos grammateus» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyses to Constantine and beyond* (edited by Janet H. Johnson), Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 255-258.

– «Paniskos and Heliodoros: a strategic pair» in *Acta demotica. Acts of Fifth International Conference for Demotists, Pisa 4<sup>th</sup> – 8<sup>th</sup> September 1993*, *Egitto e Vicino Oriente XVII*, Pisa, Giardini Editori e Stampatori, 1994, pp. 225-230.

W. PEREMANS, «Égyptiens et étrangers dans l'Égypte ptolémaïque» in *Grecs et barbares*, Genève, Fondation Hardt, 1962, pp. 121-166.

- «Ethnies et classes dans l'Égypte ptolémaïque» in *Recherche sur les structures sociales dans l'Antiquité classique*, Paris, CNRS, 1970, pp. 213-223.
- «Égyptiens et étrangers dans l'armée de terre et dans la police de l'Égypte ptolémaïque» in *AncSoc 3*, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1972, pp. 67-76.
- «Classes sociales et conscience nationale en Égypte ptolémaïque», in *Miscellanea in Honorum Josephi Vergote*, Leuven, Departement Oriëntalistiek, 1975/76, pp. 443-453.
- «Les révolutions égyptiennes sous les Lagides» in *Das ptolemaische Ägypten* (editado por H. Maehler e V.M. Strocka), Berlin, Deutsches Archäologisches Institute, 1976, pp. 39-50.
- «Les indigènes égyptiens dans l'armée de terre des lagides. Recherches anthroponymiques» in *AncSoc 9*, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1978, pp. 83-100.
- «Étrangers et égyptiens en Égypte sous le règne de Ptolémée I<sup>er</sup>» in *AncSoc III/ 12*, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1980/1981, pp. 213-226.
- «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides» in *Studia Paulo Naster Oblata. II. Orientalia Antiqua*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1982, pp. 143-154.
- «Le bilinguisme dans les relations gréco-égyptiennes sous les Lagides» in *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982* (edited by E. Van't Dack, P. van Dessel and W. van Gucht), Lovanii, 1983, pp. 253-280.

W. PEREMANS, E. VAN'T DACK, H. de MEULENAERE, J. IJSEWIJN, *Prosopographia Ptolemaica III. Le clergé, le notariat, les tribunaux*, Studia Hellenistica 11, Louvain, Publications Universitaires de Louvain 1956.

W. PEREMANS; E. VAN'T DACK; L. MOOREN; W. SWINNEN, *Prosopographia Ptolemaica. VI. La cour, les relations internationales et les possessions extérieures, la vie culturelle, n.ºs 14479-17250*, Studia Hellenistica 17, Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1968.

Sergio PERNIGOTTI, *I Greci nell'Egitto della XXVI dinastia*, Imola, Editrice La Mandragora, 1999.

Claire PRÉAUX, «De la Grèce classique à l'Égypte hellénistique» in *BSFE* n.º 31, 1960, pp. 7. 12.

E. RAGON, *Grammaire grecque*, 12<sup>a</sup> ed. revista, Paris, J. de Gigord, 1970.

José das Candeias SALES, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

Jørgen Podemann SØRENSEN, «Native reactions to foreign rule and culture in reli-

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

gious literature» in *Ethnicity in hellenistic Egypt* (eds. Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad, Jan Zahle). *Studies in Hellenistic Civilization III*, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, pp. 164-181.

Dorothy J. THOMPSON, «Language and literacy in early hellenistic Egypt» in *Ethnicity in hellenistic Egypt* (edited by Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad and Jan Zahle), *Studies in Hellenistic Civilization III*, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, pp. 39-52.

– «Literacy and the administration in early ptolemaic Egypt» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyes to Constantine and beyond* (edited by Janet H. Johnson,) Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 323-326.

– «Conquest and literacy: the case of Ptolemaic Egypt» in *Literacy: interdisciplinary conversations* (edited by Deborah Keller-Cohen), New Jersey, Hampton Press, 1994, pp. 71-89.

– «Cultura escrita y poder en el Egipto ptolemaico» in *Cultura escrita y poder en el mundo antiguo* (Alan K. Bowman y Greg Woolf compiladores). Barcelona. Editorial Gedisa, 1999, pp. 111-134; pp. 347-349.